

APONTAMENTOS SOBRE A PSICANÁLISE NA REDE

Marta Pedó

Durante esta semana e a anterior, dediquei-me boa parte do tempo “livre” a navegar na Internet por *sites* de língua inglesa e portuguesa em busca de traçar o que seria um mapeamento da psicanálise lacaniana nos dias de hoje. À parte as limitações da navegação pouco pretensiosa – por vezes somos conduzidos a *sites* cuja origem desconhecemos e em outras temos que fazer escolhas entre milhares de alternativas –, é possível traçar um mapa rudimentar de rumos e lugares onde a psicanálise tem amadurecido.

É notório, como em um primeiro olhar sobre as associações que congregam *Convergencia*, que França, Argentina e Brasil são países de ponta quando a matéria é psicanálise lacaniana. Há outros países presentes, mas é certo que temos uma situação privilegiada. Aqui a psicanálise é estudada nas universidades, chega à clínica na saúde pública e nos consultórios, dialoga com outras disciplinas e se faz presente no social, nos meios de comunicação e nas produções culturais.

É possível encontrar Jacques Lacan numa gama de *sites*, que abaixo enumero para refletir:

1. Em *sites* da intelectualidade norte-americana – periódicos sobre pós-modernismo, literatura, arte e correlatos.
2. Em *sites* de associações que congregam movimentos lacanianos – França, Argentina, Brasil, Austrália, Reino Unido, Itália, Espanha, América Central e outros.
3. Em *sites* universitários – no diálogo com a Filosofia, Lingüística e outras ciências humanas.
4. Em sites do afazer clínico – abordando determinados temas ou patologias.

Considerando que a ordem acima, aproximadamente refletindo a ordem de aparição, lembrando que é possível que em inglês haja um maior

número de publicações virtuais dos EUA, podemos tentar uma primeira hipótese para pensar. Assim, a primeira hipótese seria a de que a psicanálise lacaniana não tem encontrado privilegiadamente repercussão na clínica, mas, sim, no diálogo com a intelectualidade voltada à literatura, estética, filosofia e afins.

O que acontece com a clínica? Ainda guardando certa ingenuidade, convido o leitor a seguir comigo. Fui levada a ler com mais detalhe artigos que abordassem questões cruciais aos psicanalistas nos dias de hoje e deparei-me com o debate sobre a legalização da profissão de psicoterapeuta em alguns países da Europa.

Observa-se que em alguns países (Alemanha, Itália, França), nos últimos anos, a profissão de psicoterapeuta foi legalizada (os acirrados debates estão disponíveis em sua maioria). Ou seja, naqueles países os psicoterapeutas – entre os quais se incluem os psicanalistas, salvo na França – têm sua prática autorizada e regulada pelo Estado. O Estado, através de dispositivos legais, indicaria qual a formação necessária e suficiente à prática da psicoterapia (não é sem importância lembrar que uma das consequências é a autorização para o pagamento de benefícios de seguros de saúde aos profissionais cuja prática está legalizada).

Em meio a esta discussão, alguns elementos mais pareceram interessantes, como uma abordagem sobre o que os colegas jovens encontram como alternativas de inserção. Para seguir sua formação, os jovens franceses (diz Roudinesco) costumam dividir seu tempo entre o trabalho de consultório (reduzido), sua formação e alguma atividade afim na saúde.

O consultório com menor clientela e os psicanalistas sendo consultados em matérias culturais, enquanto outros aparecem na saúde, constituem indicadores de um movimento em crise?

Quando Freud iniciou sua trajetória, ele trabalhava com os casos clínicos para os quais os recursos da época não tinham eficácia. Foi a partir daí, do desafio da clínica e do diálogo com outras disciplinas, – que construiu a práxis psicanalítica e conferiu-lhe reconhecimento – as gerações seguintes cresceram em número, tiveram seus consultórios fartos, e o social deu-lhe lugar de destaque.

O movimento histórico aponta hoje a algo diferente, pelo menos em aparência: tudo deve ser *light*, mesmo que ao ritmo *fast food*. As psicoterapias breves e *light*, de orientação psicanalítica declarada por vezes, ganham espaço junto ao grande público e às instituições seguradoras da saúde. Os psicanalistas, justificados pela rasura da formação dos colegas recém-inseridos e por vezes imbuídos de soberba intelectual, vão encontrar interlocutores em meios mais eruditos, ou no mínimo mais letrados.

O que acontece à clínica? Não deixou de ser a ocupação do psicanalista – seja por efeito de sua análise pessoal ou pela demanda que continua a ser-lhe colocada –, mas ela também parece ter-se movimentado. *Variantes do tratamento padrão* é um texto que pode nos lembrar a questão, de outro modo colocada por um colega: *isto ainda é psicanálise?*

Finalizando, encontrei um retrato não muito diferente do que costumamos ter em mente: o movimento lacaniano encontra a resistência própria ao momento histórico atual (a sociedade *light* que sofre de obesidade mórbida não é por si só uma ironia?); por efeito de formação, os psicanalistas costumam encontrar interlocutores na intelectualidade erudita e buscar desafios na literatura (que aponta os não-ditos das grandes questões humanas) e na clínica, cada vez mais com os sujeitos excluídos de uma psicoterapia *light*.

O DISPOSITIVO DE ENLACE NO II CONGRESSO – ALGUMAS REFLEXÕES

Luciano Elia¹

Trigo para reflexão dos colegas da APPOA que, como nós, escolheram participar do Movimento que se denomina *Convergencia* – Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana – a seguinte pergunta: o que seria um Congresso que pudesse, à diferença dos tradicionais, trazer a marca própria deste movimento? Considerando que nossos Congressos Internacionais, hoje trienais, são a atividade mais ampla de *Convergencia* – aquela que se propõe a congregar o maior número possível de instituições-membro – como realizá-lo de forma que a lógica e a ética próprias ao modo de enlace proposto em *Convergencia* seja transmissível no próprio funcionamento do Congresso?

Tentando responder a esta pergunta, nós, da Comissão Organizadora do II Congresso de *Convergencia* (COCC) que se realizará no Hotel Glória, no Rio de Janeiro, nos dias 27, 28 e 29 de maio de 2004, propusemos a todas as instituições-membro de *Convergencia* um dispositivo que tivesse a chance de transmitir aos participantes os modos de enlace e de trabalho que se encontram em operação e funcionamento no interior de cada instituição. Os membros de cada instituição – tantos quantos a isso se dispusessem – elaborariam um trabalho, dito preliminar, sendo que o próprio modo de elaboração destes trabalhos seria um *affaire* de cada instituição. E esses trabalhos seriam, por sua vez, objeto de trabalho dentro da instituição, vindo a serem “lidos” e “retrabalhados” por um membro desta mesma instituição, dito leitor-autor, a quem caberia a tarefa de elaborar um trabalho, dito final, a partir da leitura e da elaboração feita sobre os trabalhos preliminares. Este

¹ Psicanalista do Laço Analítico Escola de Psicanálise. Texto produzido em nome da CEL-RIO (Comissão de Enlace – RJ) e da COCC (Comissão Organizadora do II Congresso de *Convergencia*).